

## Demissões no mundo



# Crise global varre 450 mil empregos

■ Lucros abaixo do previsto, fusões e aquisições levam conglomerados a realizar cortes em massa, em todos os setores da indústria

MARCELO KISCHINHEVSKY

Trabalhar numa grande empresa, como a General Motors, a Boeing ou a Compaq, já foi o sonho de milhares de estudantes que concluíam o curso secundário, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil. Mas os tempos mudaram. Hoje, ser funcionário de uma grande corporação, seja da área de informática, das indústrias petrolífera e automobilística ou do setor de telecomunicações, é viver sob o fio da espada do desemprego.

Acuados pela queda acentuada na demanda por seus produtos e pelo enxugamento das linhas de crédito, provocados pela crise econômica mundial, os grandes conglomerados estão sendo forçados a reorganizar suas estruturas para não irem a pique. E quem paga o pato são os funcionários, que, com frequência cada vez maior, vêm perdendo os empregos que outrora consideravam sinônimo de estabilidade.

Levantamento feito pelo **JORNAL DO BRASIL**, tomando por base os anúncios de cortes divulgados pelas próprias corporações nos últimos meses, aponta a extinção de mais de 450 mil postos de trabalho. A maioria das demissões se concretizou neste ano, mas o número abran-

ge também programas de reestruturação com prazos que vão até três anos. Na contagem, só foram considerados cortes em grande escala. Demissões como as da Philips em sua unidade em São Paulo – quase 500 postos de trabalho fechados no mês passado – não foram contados.

**Casamentos corporativos** – A onda de demissões é prima-irmã da enxurrada de fusões e aquisições levadas a cabo nos últimos dois anos. Os negócios bilionários se multiplicam principalmente nos Estados Unidos e na Europa, levando a cortes em massa. Como na gigante americana da informática Compaq, que anunciou 15 mil demissões após adquirir a fabricante de software Digital.

Mas a responsabilidade pelos cortes no atacado não é só dos casamentos corporativos. Companhias afetadas pela crise financeira global viram seus lucros encolherem drasticamente nos últimos trimestres. Com isso, foram obrigadas a rever sua produção, num mercado retraído, em que os países asiáticos, velhos e bons fregueses, vêm apertando o cinto como nunca. Foi o caso da Boeing, que já previa 28 mil demissões em seu programa de reestruturação, mas, com a forte queda nas vendas neste ano, teve que ampliar o número para 48 mil.

São poucos os dias em que não ocorrem anúncios de

drásticos cortes. Esta semana, foi a vez da sueca Ericsson (3ª maior fabricante de telefones móveis do mundo), da britânica Seagram (dona de um império de entretenimento que envolve estúdios de cinema e gravadoras de discos) e da americana MCI-WorldCom (2ª maior companhia telefônica americana de longa distância).

A Ericsson, que já estava eliminando 20 mil vagas, anunciou novos cortes após ver a estimativa de seus lucros no quarto trimestre despencar 20% mais do que as previsões do mercado. Já a Seagram, que acaba de concluir a compra da gravadora Polygram, divulgou a demissão de 3.100 funcionários em suas divisões fonográficas – o conglomerado já possuía a Universal Music, a A&M, a Mercury Records e a Geffen, entre outras. A MCI-WorldCom, por sua vez, dispensará 2.500 empregados para cortar custos, já que, numa agressiva política de aquisições, comprou mais de 50 companhias nesta década.

**Itautec-Philco demite 2 mil** – No Brasil, as campeãs no enxugamento de quadros são as companhias telefônicas surgidas após a cisão do Sistema Telebrás. A Tele Norte Leste (Telemar) enfrenta a resistência dos funcionários, que estão travando uma batalha legal para evitar a demissão de

25% do pessoal da empresa – holding que reúne a Telerj e mais 15 companhias estaduais. Há também casos como o da Itautec-Philco, que unificou suas linhas de produção para começar a fabricar aparelhos de TV digital em 1999, num casamento que já custou 2 mil empregos.

Mas o caso mais dramático é o da Coreia do Sul, onde os cinco principais conglomerados, chamados de *chaebol*, demitirão 176 mil funcionários nos próximos meses, conforme previsão da Federação Coreana de Indústrias. Hyundai, Samsung, Daewoo, LG e SK vêm se engalfinhando numa guerra fratricida por um mercado cada vez mais encolhido pela crise asiática. A situação é ainda mais grave porque as corporações coreanas, de origens familiares, prosperaram com estruturas gigantescas, sob a complacência de sucessivos governos, que perdoavam dívidas e ofereciam generosos financiamentos.

Paternalismo que está prestes a acabar, segundo acordo assinado esta semana entre os dirigentes dos principais *chaebol* e o presidente Kim Dae-jung. O compromisso prevê a reestruturação dos conglomerados, que concentrarão suas atividades em áreas específicas, desfazendo-se dos demais negócios – o que deve agravar o desemprego no país.